

# Gaiato

AVENÇA

Quinzenário \* 21 de Maio de 1977 \* Ano XXXIV — N.º 866 — Preço 2\$50

**Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes**

Fundador: Padre Américo

Director: Padre Luiz

## Aqui, Lisboa!

Jorge é um pequeno angolano, de cor morena e olhos tristes. A mãe, de vida marginal em Luanda, expulsou-o da sua companhia; o pai, outro semelhante, no Lobito, não o aceitou. Esteve dois anos num internato da Missão do Cubal, até aos confrontos dos movimentos em Angola. Quando prenderam o missionário, passaram dias à fome os seus companheiros. Ele resolveu dar o salto para a aventura e apareceu em Lisboa, passageiro clandestino num cargueiro. A Cruz Vermelha acolheu-o nas instalações colectivas da Quinta da Graça, ao Jamor.

Os responsáveis contactam esta nossa Casa. O rapaz vinha absolutamente carecido de um ambiente seguro e corria o risco de se perder. Não conseguiram pôr-lhe a vista, senão à hora das refeições.

Logo que conseguimos lugar em Casa, fui buscá-lo. Nas horas de espera, até à noite, dei-me conta de um pouco do grande drama que ali se passa. Gente de todas as cores: brancos, negros, mistos, asiáticos, de todo o nosso antigo Ultramar. A nossa glória ou vergonhosa desonra está ali.

Durante a última noite o vento e a chuva tinham castigado duramente o acampamento, levantando tendas, molhando pessoas e roupas, enlameando o chão. Muitos tiveram de acorrer ao velho edifício da quinta da Graça, que serve de serviços centrais de acolhimento, saúde e abastecimentos, mas também superlotado em todos os espaços com refugiados. Nessa mesma noite aconteceu chegarem mais trinta, expulsos de Moçambique; no próprio dia esperavam mais quarenta. Falei com alguns. Funcionários do Estado que fizeram contrato por dois anos de serviço em Moçambique, como única hipótese para terem cá trabalho garantido para o sustento das suas famílias. Dizia-me um: «Agora, a poucos meses do fim, por qualquer coisa, somos acusados ao grupo dinamizador e expulsos, sem nada. Chegamos aqui, nada temos. Acabou o apoio do I.A.R.N. aos retornados. E nós o que somos?» A serenidade no acolhimento e o dinamismo eficiente dos responsáveis da Cruz Vermelha são o primeiro lenitivo para a bagagem de amarguras que todos carregam.

## UMA CARTA

*«A razão de enviar o meu donativo, a que chamo também «minha oração ao Senhor», traduz para mim o desejo de dividir com os meus Irmãos mais necessitados aquilo que Deus misericordioso me dá. Durante longos anos vivi sem Fé, embora na minha juventude tivesse educação cristã. É verdade, ficou a semente e o grande amparo do Senhor ao longo dos terríveis e tortuosos caminhos que trilhei. Animou-me a procura da Verdade quando o amor humano falhou e por esse desejo profundo e pela graça de Deus, vim a conhecer os Seus santos Caminhos, que procuro viver.*

*Aqui está o que desejo do meu donativo: a glória de Deus — porque só amando o Senhor há desejo de verdadeiro amor, consumado no repartir o que é nosso com os Irmãos que precisam.*

*Que o Senhor continue como sempre a não esquecer-Se de Seus filhos e nós também fazendo por amá-LO mais em cada Irmão.»*

Desabaços de alma que aqui vêm dar. Luz que o Espírito acende em quem quer e que nós não podemos deixar «debaixo do alqueire»!

Também o nosso dar à estampa é «dividir com os Irmãos mais necessitados aquilo que Deus Misericordioso nos dá». Necessitados, todos o somos — muito! — deste bafo que o Senhor sopra servindo-Se de quem quer.

Necessidades de alma, sempre maiores e mais urgentes que as do corpo, que as dores dela também são mais ruins de sofrer. Ao corpo, em suas fraquezas, sempre a alma o pode compensar. Mas quando pelo corpo se tenta compensar os males da alma, é a ruína total.

Não é em vão que se semeia a Verdade. Podem mediar «terríveis e tortuosos caminhos...» Mas a Graça sempre os transformará em pista da Verdade. Achada esta, a Justiça realiza-se na partilha «daquilo que Deus Misericordioso dá». É uma ânsia, é o «verdadeiro amor», que só a experiência de Deus torna possível.

Obrigado, Irmão algarvio, por «sua oração» que nos anima, mais do que pela sua expressão material, pela intenção que a enche.

Padre Carlos

## Cantinho dos Rapazes

Chefes de governo dos sete países mais industrializados do mundo estiveram reunidos estes dias face à crise económica que perturba o presente dos homens de todas as nações e se levanta ameaçadora sobre o futuro.

Um problema para que estes Responsáveis não vêem solução imediata é o do desemprego, que alastra por quinze milhões de pessoas — 9% da população activa dos seus países, quando, para além dos 3%, o número é já denúncia de doença social. Nesta multidão a maioria é jovem, aquém dos 25 anos.

Neste quadro maior, avulta, pelo menos em algumas daquelas nações, o sector dos universitários que se vão formando sem expectativa de trabalho na linha da sua profissão ou ao nível da sua qualificação.

Em Itália, são 550 mil jovens diplomados com problema de desemprego. Sondagens revelam que só 15% conseguiram lugar proporcionado à sua preparação. Os restantes 85% procuram qualquer emprego, aceitam qualquer serviço... e assim entram em competição com candidatos, academicamente menos qualificados, mas talvez mais, profissionalmente — e dá-se o choque.

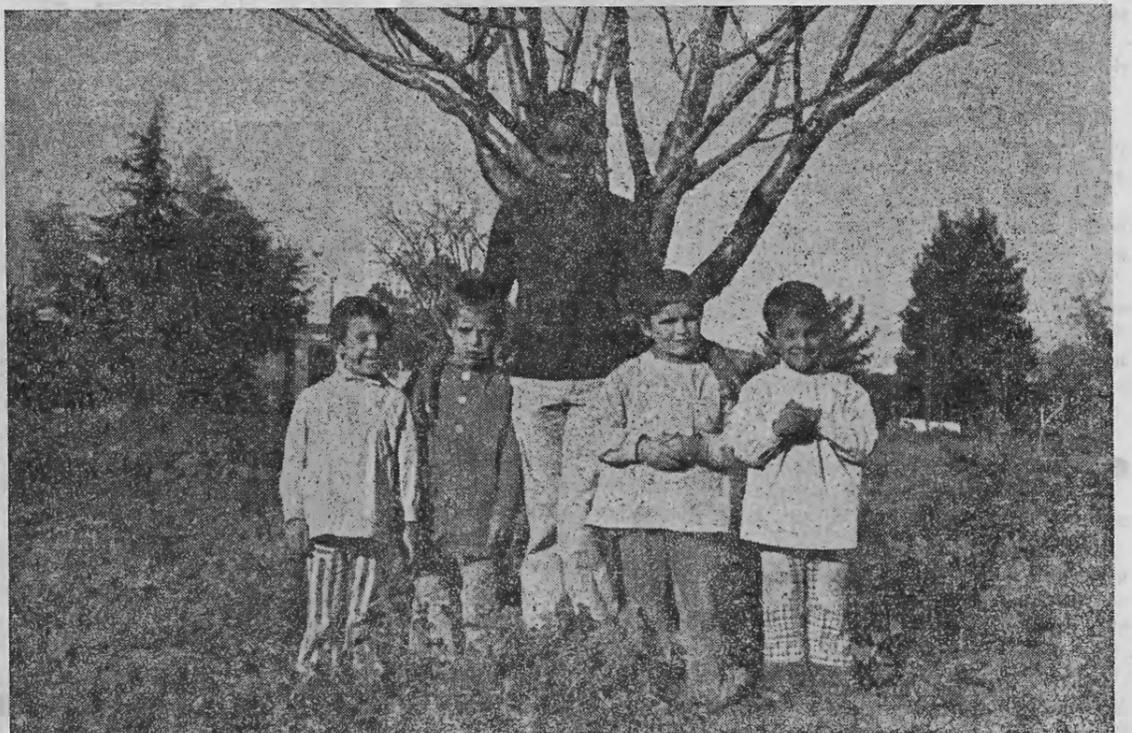
No «Correio de Coimbra», de onde colho estes dados, lê-se: «Pela primeira vez na Europa, um movimento estudantil declara guerra ao mundo operário! É a revolta, ditada pela angústia face a um futuro tapado!»

Habitados a andar na cauda da Europa, continuamos teimosos em tomar por bons os caminhos que outros experimentaram e concluíram levar a becos sem saída.

É o que dizem os jornais destes dias acerca da excitação escolar contra os exames de admissão à Universidade e o condicionamento que eles significam; contra os

Continua na TERCEIRA página

Cont. na 4.ª pág.



Alguns «Batatinhas», da Casa do Gaiato de Lisboa, com o irmão mais velho — o chefe.

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● No meio dos Pobres, verdadeiramente pobres, a hipocrisia não faz escola.

Estamos na borda do caminho. Se Zé passa debruçado no carro e a filha conduz os bois. Passam trabalhadores. Passa o mundo.

Aqui e ali a nossa interlocutora faz paragens. E mira a taleiga.

— Isto agora não dá acajo nada! Deixámo-la ir, por si, ao âmago do problema. O difícil é saber ouvir.

— Mandei sete contos prá Caixa, mas foram-se à gaita naquilo tudo mais de dez...

— Como?! E como os conseguiu?! — Empréstados. Não tinha. Não tenho nada.

Pois outra mulher, amiga, deu a mão sem garantias. É assim no reino dos Pobres!

— Vá ao merceiro e traga pra casa o que precisar; de nossa conta, que o mesmo é dizer, de conta dos nossos estimados leitores.

— Sabe? Gasto pouco. Estou enjoada da dieta.

— Mas precisa de comer! E o pão?

— Também gasto pouco.

— Vamos já passar recado, que o pão será de nossa conta.

Arregala os olhos. Fica com um ar grave.

— Não quero gastar muito...

— Mas V. precisa de comer!

— Vou comprar só o que for preciso. Não quero ser peso pra ninguém. Se aqueles tipos me dessem a reforma... Vai ser depois d'eu morrer!

E sorri!

«Não quero ser peso pra ninguém». Esta afirmação tem um alcance extraordinário!

E dizem que foi mulher de má nota! Do naipe de Madalena, que se prostrou aos pés de Jesus.

● Uma outra veio ao nosso encontro. Mal a vimos, sufocada pelos seus males, tremeu-nos o coração. Depois acalma, desabafa.

É que não fala dela, mas do marido e da filha!

— Sabe da doença do meu home?... Ele é um reformado que, enquanto pôde, ergueu a sua moradia com sangue, suor e lágrimas.

Tratámos o problema da filha. Inteirámos-nos da gravíssima doença do pai e dos males crónicos da mãe.

A pobre mulher lá se foi, vergada ao peso das varizes, neste caso um mal menor; não sem lhe deixarmos na mão uma nota de conto, que não é nada.

Mais um calvário a amenizar!

● O nosso tesoureiro é um chaga!

«Estamos nas lonas. É preciso muito cuidado!...»

Cumpra a sua missão. A gente é que, entre os casos que surgem, temos de dar a mão, ser atrevidos, porque Deus não falta!

PARTILHA — Vale do correio de 100\$00, com o pedido de anonimato. É presença habitual. Mais 20\$00 de quem sangra. Dez vezes mais de Mangualde. Ouçam:

«A última vez que vos escrevi ainda não tinha a minha família aumentada. Pois com a graça do Senhor cá tenho mais uma menina. Mais uma amiga vossa. Quero que as minhas filhas sejam continuadoras da minha grande amizade por todos vós.»

Esta Mãe faz escola. Ninguém, como as Mães, para burilar o caminho dos filhos!

Mais 100\$00 do Porto, com a referência do costume: «Nunca publiquem o meu nome». O mesmo de Fátima. «Por alma de minha querida Mãe», 50\$00 de Faro. Os 20\$00 habituais dos Amigos de D. António Barroso. Igreja em corpo inteiro! No Espelho da Moda, 500\$00, mais 150\$00, mais 100\$00, mais 100\$00, mais 70\$00, mais 500\$00, mais 250\$00.

De Lisboa, 100\$00 de «velha Amiga», que aparece muitas vezes. «Com a minha solidariedade fraterna seguiu a partilha do meu salário de Maio — 1.200\$00. Uma assinante do Seixal». É todos os meses! Demos graças a Deus pela constância. «Com um abraço amigo», que retribuimos, 400\$00 da assinante 30810.

Mais uma carta:

«Felizmente chegou o momento desejado de vos mandar uma importância, embora pequena, de 2.000\$00. Mesmo assim sei que irá fazer jeito para o que for mais necessário, no meio das necessidades que não devem ser poucas. É tudo tão caro que não há dinheiro que chegue e não sei onde iremos ter!»

O primeiro mês, tão ansiado, da minha reforma é para os vossos Pobres.

Tenho outras obras a quem eu vou dando um bocadito do meu coração.

Só vos peço uma oração por alma dos meus pais e dos meus irmãos.»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Paço de Sousa

VENDO E REFLECTINDO — Principalmente na Via Norte, que faz ligação a Vila do Conde, é que isto me interessou. Por lá vemos cheios de flores amarelas, pampilos, que regalam os nossos olhos com uma beleza inexplicável.

Em contrapartida, e parece que é mesmo para turista ver, as lixeiras abundam nas orlas da estrada.

Depois de nos regalarmos com a bonita paisagem que os pampilos oferecem, vamos também regalar-nos com as lixeiras — que não são poucas!

Mas não poderemos também chamar lixeiras aos edifícios, às estradas e até aos monumentos que por aí estão cheios de frases por toda a parte?

No que toca a lixo, tenho a impressão de que há pessoas que não pensam no mal que o lixo pode trazer a uma população, como sejam doenças, epidemias, etc.

Assim, quando reparei nestes por menores, também li e reparei que

no meio das frases havia uma que me sensibilizou: «Não faça lixeiras, pois as mesmas causam doenças».

Pois estamos mesmo a ver que sim; e quem pensar o contrário está habituado a viver nesses climas.

PERIPÉCIA — Com o aparecimento dos grilos, começam a aparecer as peripécias por causa dos ditos cujos.

Desta vez foi o «Girassol» que resolveu, no domingo, dia 8, ir caçar na hora do Terço e do jantar. Para ele, ir aos grilos não lhe traz fome. Eram quase nove horas quando o nosso ilustre se dignou aparecer em Casa!

A primeira pergunta foi saber por onde tinha andado. Claro, a resposta não podia ser outra: grilos no campo do F. C. de Paço de Sousa!

Vamos, pois, ver se acabamos com essas fugas, senão a carta, a tal carta que vocês todos têm, mas improvisada, fica cancelada que é um regalo.

E eu que gosto tanto de ver e ouvir os grilos a cantar na Missa, no Terço; enfim, é um regalo!

PEDIDO — O nosso chefe-maioral, que também tem por cargo instruir Basquetebol aos que porventura quiserem praticá-lo, queixa-se de que não tem bolas suficientes para a prática da modalidade.

É um problema, e dos graves, pois como agora já temos o fim-de-semana precisamos de o ocupar e esta é uma das modalidades mais escolhidas pelos nossos desportistas, não falando nos nadadores.

Bom; é mais um problema que se levanta, o qual deixamos à resolução dos nossos leitores.

Um abraço do vosso «Eusébio»!

FESTIVAIS — Não. Não são festivais da Eurovisão nem coisa que se pareça. São festivais muito superiores a quaisquer outros.

Já sabem os leitores que o nosso «Capitão» mai-lo «Gordo» organizaram em tempos um «festival da canção». Foram os principiantes; e parece-nos que a «moda» pegou. Agora, são também os «Batatinhas»; Agostinho e Tó organizam os dois uma nova moda festivaireira.



Festivais — «Capitão» no comando.

Por bateria, latas; por microfone, um pau com um fió amarrado a uma árvore; quanto a cantores, eles próprios.

Se os quiserem observar, é só virem cá ao Domingo e perguntarem onde fica a piscina; e lá os verão.

SERVIÇO MILITAR — Mais dois nossos foram chamados a cumprir o serviço militar: Mário e «Faisca». Oxalá saibam dar o melhor possível. É uma missão a que a maioria de nós seremos chamados.

Boa sorte!

CARROS — Sim, são «carros» que há por cá e não são poucos — mas de arame. Têm um guiador para o «condutor», sem problemas de «esbarramentos».

Onde se vai buscar o arame, isso não sei; apenas posso dizer que as ramadas estão em falta e as vedações das ribanceiras também. Mas como não sei se o arame é proveniente daí, não posso acusar os «condutores».

Vamo-nos pôr de atalaia, por via dos carros de arame. São muito «perigosos», pelo menos quando se «esbarram» contra uma ramada!

O «CIPRIANO» — É um rapaz inteiramente alegre e trabalhador! É vê-lo na Tipografia a trabalhar. Um regalo!

Por vezes ainda se vai escapando... Mas, de qualquer maneira não deixa de ser bom rapaz.

Quando o seu colega, o «Ulisses», não está, ele resolve pegar na yassoura e varrer a secção que lhe compete, depois de o Júlio o chamar à atenção...

Gosta, também, de jogar futebol. Segundo ele, parece querer ser jogador! Parece-me, até, querer ir para o «Torriense», o seu clube preferido.

É muito brincalhão! E muito gozão, para os da sua idade. Isto não é por mal; mas simplesmente, para os fazer «chatear».

Como ele tinha pedido, aqui fica um apontamento breve do «Cipriano».

— Estás contente?

Para os leitores aquele abraço do nosso «Cipriano».

«Marcelino»

## Oferta

Ao entardecer, Ruivo veio pedir-me que fosse com ele apanhar um ramo de flores para oferecer a uma velhinha amiga que vai comemorar mais um aniversário e que mora perto de sua casa.

O delicado aroma da Primavera mais a beleza incomensurável da doce paisagem dos campos chamavam o meu espírito à atenção para uma observância total.

Passados momentos, um pássaro negro e moribundo esvoaça tagarelando... por cima da cabecita de Ruivo, deixando rastros duma caminhada agreste e também um pouco de liberdade que condiz com os seus olhinhos puros de poeta.

Mais tarde, Ruivo veio ter comigo. Eu ainda não tinha apanhado nada. E, entrelaçando a sua mãozinha na minha, decide retirar-se da sua agradável faina, para ir embora, pois a noite aproximava-se lentamente.

Com uma enorme ternura familiar, Ruivo tira do seu ramo de flores um pequeno ramo para mim como gratidão dos momentos de companhia que lhe proporcionei.

Ao chegarmos à estrada, despedimo-nos um do outro com vontade enorme de nos tornarmos a ver outro dia qualquer.

Manuel Amândio

## «DOCTRINA»

Está quase a meio da impressão! Será mais uma obra de Pai Américo que, oportunamente (talvez no fim do próximo Verão), distribuiremos pelos assinantes da nossa Editorial; e por todos aqueles que, não estando ainda inscritos, no-la requisitem por vários canais.

Com o segundo volume DOCTRINA — ainda haverá matéria para um terceiro... — vamos completando, na medida das nossas possibilidades, a selecção e recolha dos textos de Pai Américo dispersos pela colecção de O GAIATO.

Os senhores e as senhoras vão aguçando o apetite por este volume, riquíssimo de conteúdo; no qual revemos, em corpo inteiro, as múltiplas facetas da vida e obras de Pai Américo. Sem deixarmos de saborear a Mensagem que emoldura os seus escritos, de um estilo que, verdade seja, pelas suas características próprias — escrevia tal qual falava, o que não é fácil à maioria dos grandes escritores! — ainda não mereceu a devida atenção aos cultores da Língua Pátria! Noutros parâmetros, já sucedera o mesmo a Raul Brandão...

Júlio Mendes



# A FOME

## é uma causa da mortalidade infantil

Por iniciativa da delegação da Sociedade Portuguesa de Ciências Médicas, e com a colaboração do Centro de Estudos de Nutrição do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge, houve uma mesa redonda sobre «Política nacional de alimentação da população portuguesa».

Fizeram comunicações diversos peritos na matéria. Afirmou-se, em determinada altura, que a «má nutrição, em Portugal, é mais uma questão de distribuição que de carência alimentar», pois que o nosso País — segundo avaliaram — dispõe de alimentos suficientes para prover à nutrição, pelo menos na maioria dos elementos essenciais.

Em maré de crise, nacional e internacional, aqui temos uma boa notícia!

«Apesar disso — sublinharam — a fome continua a ocupar um lugar destacado nas causas da mortalidade infantil no nosso País», para além de justificar ou facilitar muitas afecções que acabam por revelar-se na adolescência e na juventude.

O diagnóstico é evidente, na maioria dos nossos Rapazes, chegados da Rua. Somos testemunha.

Mas, quem anda debruçado noutros serviços comunitários, mau grado a sua ignorância científica, também confirma as afirmações ou conclusões dos peritos. Sobretudo, e paradoxalmente, nos meios rurais! Até mesmo em agregados onde, apesar de e por causa de pequenas fortunas que mensalmente entram portas dentro, as crianças são vítimas — as maiores vítimas — da má nutrição!!

Uma vez, num curso de preparação para o Matrimónio, vulgo CPM, aventou-se a hipótese, remota, de alargar o trabalho específico dos cursos à preparação completa dos noivos, sobretudo das futuras mães...

Não tenhamos dúvidas, o problema é gravíssimo em todos os domínios. Não falando, já, da absurda má distribuição, geral ou sectorial, a nível mundial — motivada pela lei da oferta e da procura. São cometidos monstruosos crimes em prejuízo da Humanidade. Mas isso são contas doutro rosário!

Júlio Mendes

Aconteceu termos tomado contacto com a actividade social de duas paróquias perto do Porto. A de Alfena com o seu Centro Paroquial e a de Campanhã com a Associação Nuno Álvares. Foi para nós extremamente agradável este conhecimento. Estivemos com a nossa Festa nos seus salões. Foi em festa que nos receberam e de lá trouxemos o testemunho de generosidade de todos os que colaboram em qualquer daquelas organizações.

Em ambas verificámos a existência de um Jardim Infantil. Se nos lembrarmos que a maior parte das mães trabalham fora de suas casas, compreendemos que as escolas dedicadas aos mais novos são um apoio necessário e eficiente às famílias. Em Alfena, onde por conveniência da nossa «tour-née» nos demorámos mais, pudemos até estar um pouco com as crianças que frequentam o seu Jardim Infantil e contactar com as condições do seu funcionamento. Vimos, pois, como conseguem manter a escola a funcionar, com mensalidades muito menores do que as necessárias para fazer face às despesas que comporta. Isto é possível porque, quase na totalidade, os que se dedicam aos trabalhos do Centro Paroquial de Alfena o fazem sem receber qualquer recompensa material. Assim, todos os que fazem funcionar a sala de cinema — projecionistas, porteiros, arrumadores, encarregados de bar — o fazem gratuitamente, e os lucros conseguidos vão suprir o déficit da actividade assistencial.

Em Campanhã soubemos de toda a atenção que dedicam aos problemas da Terceira Ida-

# REFLECTINDO

de e do carinho e dignidade com que se preocupam no amparo a esta idade.

Por falta de tempo não tive oportunidade de tomar conhecimento dos outros ramos de actividade da Associação Nuno Álvares.

No Mundo frágil em que vi-

vemos precisamos de lições, de testemunhos de boa vontade. Por isso à nossa caravana fez bem estar no Centro Paroquial de Alfena e na Associação Nuno Álvares da Paróquia de Campanhã.

Padre Abel

## Aqui, Lisboa!



Cont. da 1.ª pág.

Havia ali ainda uma sala armada em capela. Calmamente se desfez o altar, retirou o Cristo da parede e estenderam colchões no chão. Apeteceu-me suplicar que deixassem o Cristo no seu lugar. Ele não tira a cruz de cada um, mas ajuda. E bem poucos são os que ajudam estes Irmãos nossos numa hora de tanta angústia. Nunca saboreei tão bem as palavras do emblema da Cruz Verme-

lha: «Inter arma Caritas», no meio das armas o amor; no rescaldo do ódio, corações a sangrar pelas vítimas inocentes. Cruz e coração fundidos num só; por isso é a Cruz Vermelha.

Mas têm continuado a chegar: uns presos há muito, outros agora expulsos, outros vêm com medo do pior. Ouço dizer que também começaram a chegar os «vendedores da nacionalidade». Que brinde escarninho à Pátria Portuguesa faz o governo de Moçambique!

Apelos vários são feitos para obtermos à crise económica e evitarmos a miséria e a fome que nós próprios estamos a provocar. E que fazer a estes Irmãos lançados a uma miséria imerecida, verdadeiros credores públicos não só dum acolhimento negado num lavar de mãos irresponsável, mas também do nosso respeito e justiça por compromissos assumidos no processo de descolonização?

Tratados são papéis, afinal!

Padre José Maria

# Do que nós necessitamos

Cont. da 3.ª pág.

Sufragando a alma de Margarida Rosa Soares da Silva, 500\$00 da firma Soares da Silva & C.ª. Mais um primeiro ordenado de um filho, entregue na Festa de Aveiro, 4.040\$. Mais 500\$, também entregues na mesma Festa, dos Padres da residência Episcopal. Cem de Rosa. De José Flores e Clara, três presenças de 70\$ e mais 10\$ por alma de Alexandrina. «A promessa que a minha gratidão não esquece», com 200\$+100\$+100\$. De Olivais-Sul, 500\$. Dois irmãozinhos, uma de 4 e um de 6 anos, no dia do seu aniversário, lembram-se de nós com 100\$ cada. Bem hajam pela lembrança e o Senhor vos acompanhe sempre pela vida fora.

Pelas mãos das filhas da ass. 10737, que Deus tem, 6.000\$. Maria Angelina com 100\$. A.R.R.C.B. com 500\$ de promessa. De Fonte do Vale-Val-

bom, 200\$ de uma graça. Duma mãe de Matosinhos, 100\$ por duas vezes, por alma de Rogério. Trezentos de Maria do Céu. Mais 100\$ da nunca esquecida «Avó de Moscavide». Um relógio e 100\$ do Porto. As habituais presenças da «velha assinante» do Monte Estoril, com 200\$+100\$+200\$. Os silenciosos 120\$ de Valadares. Quinhentos escudos de Coimbra. De Olhão, por alma de José António, 100\$. «Por alma de meus queridos Pais», 100\$ de Lisboa. Duzentos e cinquenta da Figueira da Foz. Dum redactor de «O Comércio do Porto», 100\$. Ass. 22960, com 300\$. Peditório na Missa da tarde, em Monção, no dia da nossa Festa, feito por iniciativa do Rev. Pároco, rendeu 618\$. Ass. 12451, com 300\$, e pena de não ter ido à nossa Festa no Coliseu. Em sufrágio de Manuel dos San-

tos, 120\$. Duma paroquiana de Vilar do Paraíso, pelas mãos do seu Pároco, 200\$. Maria José com 500\$. De Alunos e Professores das Escolas António Maria dos Santos, de Penafiel, 432\$50. Cheque de 2.400\$ de Lisboa-5. De Iria Cardoso, 120\$ por uma intenção particular. Quinhentos da Lecista da Figueira. Quatro mil de Mora, por alma de Maria Laura. Quinhentos de S. João da Madeira. Assinante do Rio de Janeiro, sufragando a alma de Belinha, com 15.000\$. Excurso da Cruzada de Mafamude, com 490\$. Mais 100\$ do Porto. Da Covilhã, de quem aparece muitas vezes, 160\$+100\$+100\$. Mais dois cheques de 3.000\$ cada, da Rua António Cardoso. E tudo o mais que nos chega do Espelho da Moda ou entregue no Lar do Porto.

Deus vos pague.

Manuel Pinto

# FESTAS

## ZONA CENTRO

26 de Maio — Teatro José Lúcio da Silva LEIRIA

27 » » — Império Cine-Teatro — LOUSÃ

29 » » — Teatro Alves Coelho ARGANIL

Os bilhetes estão à venda em cada uma das referidas salas

## ZONA SUL

19 de Junho — 11 h. da manhã no MONUMENTAL — Lisboa

Bilhetes à venda: Franco Gravador, Rua da Vitória, 40; Montepio Geral; e Ourivesaria 13, Rua da Palma, 13.

PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa